

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM PIERRE-MARIE GOULET
7 de Dezembro de 2021**

O ÚLTIMO PORTO – ALÉM DAS PONTES / 2019

Um filme de Pierre-Marie Goulet

Realização: Pierre-Marie Goulet / Texto: Sérgio Godinho / Direcção de Fotografia: Galahad Goulet / Som: Alexandre Abrard e Dumnac Goulet / Montagem: Pierre-Marie Goulet / Com: Virgínia Dias, Kudsi Erguner, Cláudio Torres, Manuela Barros Ferreira, Margarida Pamplona Leite.

Produção: Dupla Cena – Aum Films / Produtores: António Câmara e Chantal Dubois / Produtor Associado: Paulo Trancoso / Cópia vídeo digital, colorida, falada em português / Duração: 87 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Com a presença de Teresa Garcia e Kudsi Erguner (a confirmar).

Pontes e rios: de certa forma nunca se vai, neste filme, para “além” delas e deles, laços, passagens, vasos comunicantes mais à superfície ou mais subterraneamente. Pontes e rios permitem “encontros”, e **Encontros** se chamou o filme central deste conjunto (começado com **Polifonias – Paci é Saluta, Michel Giacometti**) a que Pierre-Marie Goulet chamava “comme un tryptique”, e em que todas as partes do tríptico se dedicam a procurar e assinalar correspondências históricas e culturais entre universos geograficamente distantes, partilhas e paralelismos que vão essas, sim, muito “além das pontes”, muito além dos constrangimentos da geografia.

Vale dizer, já que esta é uma sessão em sua homenagem, que Pierre-Marie era um homem com uma predilecção especial, mesmo uma obsessão, em termos “performativos”, por esta procura de aproximações e ligações, mais ou menos secretas, mais ou menos crípticas, entre coisas. Também era assim como programador, como os espectadores destas salas que acompanharam as sessões de cinema do festival Temps d’Images, que aqui tiveram lugar durante anos e eram programadas por Pierre-Marie e Teresa Garcia com a Cinemateca, bem saberão.

Aqui, a ligação principal é entre Mértola e Istambul, através da figura de Ibn Qasi, governante sufi de Mértola no século XII, sobre quem se encontra documentação num arquivo de Istambul. Há imagens de Istambul – nomeadamente com os famosos gatos da cidade turca – mas Istambul está no filme sobretudo para funcionar como um paralelismo para Mértola, duas cidades portuárias, à beira do Bósforo uma, nas margens do Guadiana outra, e portanto especialmente permeáveis a todos os trânsitos – vindos da Arábia e do Norte de África – permitidos pelas águas e pelos rios. O filme faz, ou relata, um pouco da História de Mértola, e da sua importância como entreposto comercial e

cultural, e para isso lá está sobretudo a figura do arqueólogo Cláudio Torres, que há décadas estuda a fundo aquele lugar.

Como a lógica continua, sempre, a ser a do “encontro”, o filme abre-se então para acolher a histórias dos seus intervenientes, reflectindo também a história recente de Portugal (a fuga de Cláudio Torres e da sua mulher Manuela Barros Ferreira, durante a ditadura). Ou para acolher os poemas de Virgínia Dias, que regressa ao cinema de Pierre-Marie Goulet depois de **Polifonias** e de **Encontros**, e cujas palavras em forma poética são um outro tipo de registo histórico, uma memória de infância ou juventude que se liga a uma memória cultural e comunitária. “Encontro”, ainda, na forma como o realizador se reaproxima de filmes antigos seus, já preocupados com o registo de práticas e tradições culturais sufis (a música, o canto, a poesia), e integra excertos deles na montagem de **Além das Pontes** (Mevlevi, de 1970, e Djerrahi, de 1978).

Mas o rio fica sempre na nossa memória: aquele longo plano, com a câmara montada num barquito, da aproximação a Mértola pelas águas do Guadiana, é certamente um dos planos mais bonitos dos últimos anos, todo o cinema considerado.

Luís Miguel Oliveira